



A Illustração Portuguesa

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; G. Castello Branco; G. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha Gervasio Lobato; D. G. Torrexão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. M. da Costa; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Silva Pinto; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Beralcanfor, etc.

SUMMARIO

nando que a côrte é a crystallisação de todas as virtudes, o éden onde se gozam todas as felicidades, o santuario onde só o Bem se acoita, cercado de flores e de sorrisos!

TEXTO:—*Chronica*, por Santilhana;—*Soror Natalia*, conto, trad. de D. Guiomar Torrezão;—*Como sou feliz!* conto, por José Maria da Costa;—*Perfis: Heloisa*, versos, por Luiz da Silva;—*A morte de Julio Cesar*, por Mark Twain;—*D. Beatriz de Portugal* (continuação), por Alberto Pimentel;—*As nossas gravuras*;—*Em família* (passatempos);—*A rir*;—*Um conselho por semana*;—*Uma reliquia*, conto, trad. de Castor.

GRAVURAS:—*Cyriaco de Cardoso*;—*Visconde da Quinta de S. Thomé*;—*O meu primeiro pensamento* (mazurka);—*Modas* (toilettes para soirée);—*Os funeraes de Philippen*.

CHRONICA



CYRIACO DE CARDOSO

Que de tenebrosos dramas, que de horriveis tragedias se desenrolam ás vezes entre as tapeçarias dos paços reaes, n'aquelles retiros mysteriosos onde raro penetram os olhares indagadores da Chronica!

Quantas paixões ruins se desencadôam sob aquelles tectos rendilhados!

Que de ambições insoffridas crescem e medram dentro d'aquelles recintos vedados ás vistas profanas do povo!

Que de mysterios ali se encobrem e escondem, que de acontecimentos monstruosos ali se passam, roubados á investigação do analysta, cuidadosamente dissimulados com os amplos reposteiros das regias alcovas!

E a multidão ingenua, submissa e crente, passa cá fóra, para áquem da linha de respeito levantada entre os porticos dos alcaçares e o resto do mundo, imagi-

Como é infantil e boa e generosa a grande alma popular!

Accudiram-nos estas considerações aos bicos da pena, olhando, atravez da imprensa estrangeira, para a medonha tragedia que ha uns poucos de dias se está re-

presentando na poetica San-Remo, sob o formosissimo ceu da Italia, junto do leito onde agoniza o vencedor de Reischoffen, o malgrado filho primogenito do decrepito imperador Guilherme.

DECORAÇÃO — uma casa modesta e simples na villa Zirio.

PERSONAGENS — o pobre enfermo já com os pés no tumulo; sua esposa, filha da rainha de Inglaterra; seu filho, o principe Guilherme; o velho soberano allemão, dementado e cichetico; as celebridades medicas de Berlim, Strasburgo e Heidelberg, e Bismarck, o famoso chancellor, em cuja alma de ferro não brilhou nunca um sentimento affectuoso e humanitario.

Fritz morre dia a dia, minuto a minuto. Seduzido pela miragem do throno, seu filho, o principe Guilherme, conspira ao longe com Bismarck, para arrancar á mão tremula e descarnada do agonizante a assignatura d'um auto d'abdicção.

A misera esposa do enfermo protesta contra a perfidia, banhada em lagrimas de desespero e de dôr. O coração do filho ambicioso não a ouve; a alma negra do chancellor não se perturba.

São chamados ao *complot* infamissimo, doutores venaes, que correm ligeiros a San-Remo. Não vão roubar aos braços da morte a victima já condemnada; vão afastal-a, sim, dos braços amantissimos da esposa heroica, de cuja influencia se arreceiam, e prescrever e impôr — os assassinos! — que o quasi caíaver do infeliz seja transportado para Berlim, onde o chancellor deshumano e implacavel mais facilmente poderá arrancar-lhe a abdicção suspirada.

Porquê tamanha torpeza?

Razões d'Estado.

E com estas razões frivolas se dissimula a hediondez d'um crime tremendo, em que entram como factores o odio bismarckiano pela esposa do principe imperial, — uma ingreza que não quiz germanisar se, — e a ambição desmarcada do principe Guilherme, que, para ver quanto antes segura a posse do cubicade throno, não hesita em roubar mais alguns dias á vida artificial e postiça de seu pae, e em banir dos esplendores da côrte aquella virtuosa creatura de quem recebeu os primeiros beijos e cujo nome harmonioso e bendito não devera esquecer nunca: — mãe.

— Porque me não deixam morrer em paz? Pergunta com voz estertorosa e sumida o condemnado de San Remo.

E as intrigas villãs, urdidas em torno do seu leito como um bando de corvos muito negros agitando doidamente as azas em volta d'um cadaver decomposto, respondem-lhe:

— Razões d'Estado!

Em nome d'esta *ultima ratio* com que procura attenuar se e escurecer-se a monstruosidade d'um assassinio premeditado, a pobre companheira do infeliz principe nem tem o direito de chamar para junto d'elle os medicos da sua escolha; não pode recusar-se a que lhe levem de San-Remo para Berlim o doente estremecido, acabando de matal-o; não lhe permitem que diga aos doutores allemães: — vós sois uns bandidos! — a Bismarck: — tu és um miseravel! — e ao filho ingrato: — tu és um ambicioso!

Não pode nada, porque é mulher, porque é fraca, porque tem contra si o odio implacavel do potentado da Allemanha, perante o qual nações inteiras tremem, toda a Europa se curva em respeito, e o proprio imperador Guilherme, com a alma endurecida pelo egoismo, com a razão obscurecida pela decrepitude, não tem alentos para reagir, coragem para se impôr.

— Sêde um automato nas minhas mãos! diz o frio chancellor ao pobre soberano tambem quasi moribundo.

E o velho monarcha teutonico, a um gesto imperativo de Bismarck, abaixa humildemente a fronte encanecida, sentindo-se sem forças para ser rei, sentindo-se sem lagrimas, nem coração, nem carinhos, nem affectos para ser pae.

Ora ahi tendes os mysteriosos dramas que se desenrolam entre as tapeçarias dos paços reaes, sob aquelles tectos rendilhados onde raro penetram os olhares indagadores da Chronica.

E o povo ingenuo passa, imaginando a côrte um santuario onde só o Bem se acoita, cercado de flores e de sorrisos!

Ao povo allemão, até não permitem as altas razões d'Estado, que se patenteem, em todo o seu horror, as dores e a agonia do malgrado herdeiro do throno. No mais acceso da lucta com a morte descaroadada, se o chancellor ordena, pelo telegrapho, que arrastem o agonizante a mostrar-se, ainda com uns restos de vida, ás janelas do quarto, o pobre Kronprinz é arrastado a essa exhibição forçada.

E os boletins mentirosos dos medicos allemães attestam n'esse dia que o enfermo está livre de perigo. E no alcaçar de Berlim pode urdir-se mais uma tôrpe intriga bismarckiana, á sombra da affirmacção dos esculapios. E os fundos não baixam. E a politica ardilosa do astuto chancellor triumph!

Em ponto pequeno, fez-se entre nós coisa parecida, quando el rei, ainda ha pouco, se debatia com uma doença grave e dolorosa, de que, mercê de Deus, o vemos convalescente. Os medicos da real camara negavam a pés juntos que o monarcha soffresse. Os boletins da folha official expectoravam a velha e chochissima formula: «Suas Magestades e Altezas passam sem novidade na sua importante saude.» Os jornaes do governo... moita. E agora, a resposta ao discurso da corôa nada diz sobre o facto tristissimo que alarmou o paiz inteiro; não encerra mesmo uma palavra congratulatoria pelas melhoras do sympathico soberano.

Silencio profundo em toda a linha.

Porque? Razões d'Estado, sem duvida. O sr. José Luciano que quiz arremedar Bismarck. Ou então, o sr. Marianno de Carvalho que não lhe fez conta que os fundos baixassem...

Necessariamente, são ainda essas taes razões poderosas que levam o governo a esconder do paiz o projecto d'uma proxima e larga viagem d'el rei ao estrangeiro.

A razões d'Estado obedecem, por certo, os factos de não fornecer a policia noticias a certos jornaes da capital; de ser considerado o aggressor de Pinheiro Chagas como um simples Magriço da Luiza Michel, e de ter cahido n'um somno profundo a formidabilissima questão Hersent, ao passo que, em Paris, o genro de Grévy, Daniel Wilson, é condemnado, por traficar em condecorações, a dois annos de cadeia, 3:000 francos de multa e cinco annos de interdicção de direitos civis e politicos.

E, se tudo isto não obedece a razões... d'Estado, funda-se em razões de cabo d'esquadra, o que importa o mesmo.

No amago de tudo... a perfida politica.

Ora a Chronica não quer metter se com a politica. Se a isso se resolvesse um dia, não se limitava a quebrar a murro secco as pobres carteiras inoffensivas da Camara dos srz. deputados: qu'brava mais alguma coisa...

SOROR NATALIA

(Villers de L'Isle Adam)

Outr'ora, na Andaluzia, elevava-se no angulo de uma escarpada montanha um mosteiro de franciscanas de terceira ordem.

Esse claustro era tido em cheiro de santidade e impunha-se à veneração dos fleis pelo aspecto da sua enorme cruz, que dominava a fachada, e pela sonora vibração do seu sino grande, que resoava duas vezes por dia. Uma ampla capella, cuja porta, nunca fechada, abria sobre tres degraus e uma extensa vereda, contorneavam, pelo nascente, o muro do convento. E por todos os lados, as ferteis planicies, as arvores aromaticas, a herba dos fossos, o isolamento, a estrada pceirenta.

Em um enervante crepusculo outonal, uma formosa menina, ingenua e meiga, vestindo o habito de noviça, orava, prostrada de joelhos, ao fundo da capella.

A noviça ajoelhara em frente de um nicho aberto na parede, d'onde pendia uma unica lampada de ouro, illuminando uma Madona de olhos baixos e mãos abertas, exuberantes de graças radiosas,—uma Mãe celeste, na attitude do *Ecce ancilla*.

Ao longo da estrada resoavam, penetrando atravez dos vitraux da capella, as notas frescas e melodiosas de um cantor de serenatas, acompanhando-se com as flebeis cadencias de uma mandolina de Cordova.

As languidas palavras, irradiando o lume da paixão, do amor da mocidade, espalhavam-se na igreja, envolviam soror Natalia, a linda noviça, que com a fronte pendida nos braços cruzados, murmurava, desolada e dolorida, aos pés da Madona:

—Senhora, vós o védes, eu choro e supplico-vos que não me retireis a vossa infinita piedade. Desfallecida e angustiada, levando a vossa divina imagem no fundo do coração, vou exilar-me d'estes santos logares.

O' casta rainha, compadecei-vos d'aquella que sacrifica a um amor mortal a salvação da sua alma! Vós a ouvides, aquella voz implora-me, fascina-me, arrasta-me! Se não obedecer ao seu appello, elle morrerá! Como poderei condemnar os seus extremos, reservados durante tanto tempo, sem uma esperança, sem uma queixa! E quem logrará resistir a ir consolar aquella que ama? Vós, que sabeis se eu vos amo, Virgem celeste, se eu resumia toda a minha felicidade em vir aqui, à noute, meditar e orar, perdoai-me! Aceitai o meu véo, a chave da minha cella; deponho-os a vossos pés. Mas, não posso... suffoco... aquella voz, seduz-me... desvaira-me... adeus... adeus!

De pé, vacillante, não ousando levantar os olhos, soror Natalia collocou a chave e o véo aos pés da Madona de rosto suave e luminoso, de olhos baixos, reflectindo a argentea claridade das estrellas.

Em seguida, a noviça deu alguns passos, encostando-se às paredes, encaminhou-se para a porta, desceu os degraus e achou-se na estrada, que se prolongava ao longe, inundada de um luar macio e veludineo.

—João! gritou soror Natalia.

Ao som d'esta voz appareceu de subito um cavalleiro, um moço esbelto, de perfil dominador, de olhar ardente e apaixonado. João apeou-se, envolveu nas dobras da sua capa a noviça, exclamando com voz tremula de jubilo:

—Oh! Natalia!

Suspendendo-a nos braços, montou a cavallo, e partiram ambos para o solar, que estampava, por entre as sombras lunares, as agulhas das suas torres.

Decorreram seis mezes absorvidos em festas, seis mezes d'amor vividos na Italia, em Florença, Roma, Veneza, e elle, felicissimo, ella, não raro, pensativa, não encontrando nas ardentes e delirantes caricias do seu raptor a realisação dos seus candidos sonhos de virgem.

De subito, ao regressar a Cadix, por uma manhã de sol, Natalia acordou sosinha, sem o anel nupcial e sem que uma palavra a houvesse prevenido. O seu amante, saciado e voluvel, desaparecera.

Exhalando um profundo suspiro, e deixando cair das mãos inertes o terrivel bilhete que acabava de formular a sua sentença, Natalia não se queixou, mas resolveu morrer.

Depois de ter repartido pelos pobres o dinheiro que lhe restava e no momento em que ia attentar contra a vida, um pensamento,—estranho pensamento,—opprimio-a: desejou tornar a ver ainda uma vez, para um ultimo adeus, a Madona de outr'ora.

Assim pois, trajando as vestes de penitente e pedindo esmola, encaminhou seus passos para o mosteiro, ou antes para a capella, visto que já não podia agremiar-se na branca legião das virgens fleis.

Depois de alguns dias de jornada, chegou tremula e extenuada, ao bruxolear do crepusculo de uma bella noute de verão, semeada de estrellas, à porta do santo refugio. Occorreu-lhe que,

a essa hora, as suas antigas companheiras rezavam, recolhidas nas suas cellas, e que, sob as elevadas pilastras, a igreja deveria estar tão deserta como em a noute do rapto. Impellio a porta e olhou:—ninguem.

E lá ao fundo, no fulgor da lampada, sempre accesa, a Madona.

Natalia entrou, ajoelhada sobre as lousas brancas; arrastou-se até aos pés da sua celeste amiga. Chegando em frente do nicho, prostrou-se ante aquelle que perdoa e balbuciou, soluçante:

—Ó Virgem! sou indigna da vossa compaixão. Eu ignorava, quando a tentadora voz me implorou, quantos opprobrios, quanto abandono e mentira encerra o amor mortal. Sinto vergonha de que vou morrer, desprezada pelos meus, banida d'este santo asylo. Qual de vossas filhas, ó mãe, não me acolheria com um gesto de horror, se eu ousasse affrontar o seu olhar? Perdi a esperança, ao querer consolar o homem que dizia amar-me!...

*

Ao deslisarem as silenciosas lagrimas de Natalia sobre os pés da Escolhida, a pobre menina atreveu-se a levantar um supremo olhar de adeus para a Madona. De subito, Natalia estremeceu, arrebatada em um extasis, ao ver os divinos olhos da Virgem que a fitavam, os labios da estatua que se entreabriam. A mãe do Céu disse-lhe então, suavemente:

—«Minha filha, não te recordas? Confiaste-me o teu véo e a chave da tua cella, antes de nos deixares. Encarreguei-me pois de substituir-te no claustro, cumprindo, sob o teu véo, todas as obrigações do teu voto: nenhuma das tuas companheiras soube da tua ausencia; readquire o que me confiaste: volta para a tua cella e... não tornes a sair.»

GUIMAR TORREZÃO.

COMO SOU FELIZ!

Havia tanto amor no olhar do Frederico! Tanto amor no olhar d'aquella creança! Porque o Frederico era uma creança ainda de quatorze annos incompletos, um engeitado que o tio Paulo encontrara de noite no caminho, ao voltar da cidade para a granja. Educara-o para o serviço domestico, e o pequeno era-lhe reconhecido e respeitava o mais como pae do que como patrão.

O tio Paulo, tambem lhe queria muito. Lembrava-se de que, se não fôra elle, talvez o pequeno estoirasse debaixo das rodas de um carro qualquer que passasse, ou sob as patas de um cavallo, lançado a todo o galope.

O tio Paulo era um abastado lavrador, viuvo, e com uma filha só, a Virginia, doce e ingenua camponeza, tres annos mais velha do que Frederico, ao qual considerava como irmão, por terem sido creados juntos. Havia ainda, como é costume em casa de lavradores, muitos creados de ambos os sexos.

Tinha o tio Paulo, irmãos e irmãs; mas todos casados e estabelecidos, só curavam de si. O excellente homem ter-se-hia visto seriamente embaraçado para crear a filha, que ficara orphã de mãe em pequenita, se não fôra a valiosa dedicação de duas criadas velhas, que serviam de mãe á graciosa Virginia.

A' maneira que se ia fazendo mulher, ia a Virginia accentuando o seu character. Como todas as raparigas do campo, adorava a força e o brilhantismo, e por isso, apesar dos olhares ternos e das meiguices do Frederico, recebia a côrte de um primo militar, que estudava no lyceu do districto, a algumas leguas da povoação.

O pae do rapaz, irmão do tio Paulo, era tambem lavrador abastado, mas tinha muitos filhos, o que tornava o joven estudante quasi um pobretão, comparado com a prima. Devido a esta circumstancia é que o pae d'elle hesitava em pedir a mão da sobrinha, esperançado em que o amor reciproco dos dois jovens se estreitasse mais.

Isto durou dois annos. Descrever o que durante elles se passou no coração do adolescente Frederico, seria assumpto para volumes. Ao cabo d'este tempo, a Virginia foi pedida solememente em casamento, pelo pae do estudante, e a sua mão concedida.

—Estava escripto! gritou n'uma convulsão de choro o pobre engeitado, quando tal soube.

E deitou a fugir pelos campos fóra. Não parou na sua carreira, senão muito ao longe, junto do poço d'agua, negro e profundo, que abastecia o povoado. O seu olhar desvairado chamou a attenção de uma velha mendiga, que costumava sentar-se n'aquelle sitio para pedir esmola. E a sua voz penetrante, aflautada, foi direita como um estylete ao coração do mancebo, interrogando-o:

—Que queres ahí, meu filho?

O rapaz virou-se bruscamente e cingindo com um olhar a velha mendiga, não respondeu. E voltou-se de novo para o interior do poço, debruçando-se.

A velha, temendo, sem duvida, alguma catastrophe, levantou-se, e arrastando-se até elle, poz lhe a mão descarnada sobre o hombro e disse-lhe:

—Queres morrer?

O Frederico deu um pulo, surpreso por alguém ter adivinhado o seu intento, e perguntou com espanto:

—Quem t'o disse?

A velha, com um ar imponente, agitando a sua bella cabeça branca, respondeu:

—Adivinhei-o!

—Ah! então tu também és d'essas velhas que adivinham o futuro?

A mendiga franziu um pouco as sobrancelhas; mas como mulher experiente, conhecendo logo que estava diante de um ingenuo apaixonado, e que uma inoffensiva mentira o poderia talvez salvar, respondeu-lhe logo n'uma voz firme:

—Sim.

—Então dize lá, qual ha de ser o meu futuro.

A velha não se desconcertou, e sorrindo-se mysteriosamente, disse-lhe:

—O teu futuro será tal, que se eu t'o dissera não o acreditarias. Só te posso dizer uma cousa—espera! Só esperando com paciencia e fé em Deus, é que o teu futuro se poderá realisar.

O Frederico, como todas as pessoas rudes e sinceras, ficou tanto mais impressionado, quanto não percebeu nada.

E a velha afastou-se magestosamente, voltando-se, ainda uma vez para traz e gritando-lhe:

—Espera!...

E elle resignou-se a esperar. Que remedio! E caminhou para a granja, cabisbaixo, esquecido já do poço sinistro, e pedindo às auras que lhe beijavam a fronte poetica e enamorada, que lhe levassem para bem longe os seus pensamentos d'amor.

E foram dois annos de martyrio que elle passou mais, vendo o reciproco amor, sempre crescente, do brilhante militar com a prima. Durante estes dois annos, porém, o Frederico, que se tornara o braço direito do tio Paulo, concentrando-se no trabalho para distrahir,—dizia elle—notára que os negocios da lavoura corriam cada vez peor.

O tio Paulo perdia sommas fabulosas, e por ultimo, desgostoso, ralado de cuidados e de dividas, caiu um dia fulminado por uma congestão cerebral, ao receber uma noticia que o lançava na miseria.

A sua morte poz em campo os credores; fez-se o inventario e viu-se que o casal não possuia senão dividas.

A situação da Virginia era angustiosa, mormente porque os parentes, vendo-a pobre, não quizeram saber d'ella para nada. Restava-lhe uma esperanza, o casamento com o primo; mas o pae do rapaz, egoista e calculador, desligou-se da sua palavra, sob o pretexto de que o estudante também era pobre, e na sua posição de alferes graduado, podia aspirar a um bom casamento. Casando com a prima, uma rustica, fazia um sacrificio só desculpavel pelo dote d'ella, o que era agora impossivel.

E o rapaz, já corrompido pelo orgulho e pela vaidade, foi mesmo parecer do pae.

A Virginia encontrou-se, pois, só no mundo com as duas velhas creadas inuteis, que constituíam toda a sua familia, e adoeceu de paixão.

Viu-se então uma cousa sublime: o Frederico correu a casa de todos os credores e propoz continuar toda a lavoura das terras que pertenciam ao tio Paulo em nome da menina, como elle dizia, ficando elle como administrador. A granja ficaria no mesmo pé, e a Virginia morando na sua casa. Só ao cabo de um anno de experiencia, se visse que havia perca, é que iria tudo á praça.

Como era de prever, os credores, implacaveis, recusaram; mas o animoso rapaz, ao qual o amor dava uma tenacidade de ferro, correu ao maior credor, residente em Lisboa, e pintou-lhe a situação com tão vivas côres, que o homem, um velhote solteirão e rico, antigo amigo do tio Paulo, surpreendido, quiz saber o motivo secreto porque elle se portava tão bizarramente.

O rapaz confessou tudo.

O velho, commovido, prestou-lhe o seu concurso, o que fez com que os outros credores amansassem.

O Frederico voltou radiante e fez-se simultaneamente o administrador desvelado da granja e o protector desinteressado da joven.

Tornou a voltar um pouco de alegria e felicidade á casa do lavrador; mas no ar, pairava negro e agoirento o futuro, com todas as suas incertezas terriveis.

No fim do primeiro anno de uma direcção intelligente e economica e de prodigios de dedicação, o Frederico, apesar dos seus desenove annos de idade, ponde provar que a granja era susceptivel de se sustentar e de pagar todas as dividas, embora isso levasse largo tempo.

Quando foi prestar contas ao credor da cidade, perguntou-lhe o rico velho celibatario:

—Então, tu trabalhaste de graça todo o anno, rapaz?

—Dou-me por satisfeito em ver a menina feliz e que não lhe falte nada, respondeu elle, alludindo ao eterno objecto dos

seus sonhos, á Virginia, cada vez mais formosa nos seus encantadores vinte e um annos.

Seis mezes depois, estando o Frederico a jantar conjuntamente, com a Virginia e todos os creados, segundo o uso patriarchal, recebeu uma carta de Lisboa, em que um individuo, amigo do velho credor celibatario, na qualidade de seu testamenteiro, lhe dava a noticia d'elle ter fallecido, deixando o Frederico seu herdeiro universal.

Não se descreve o espanto e a perturbação em que a noticia lançou todos os circumstantes.

A Virginia, profundamente abalada, exclamou involuntariamente com um grande desanimo, voltando-se para as duas fiéis creadas:

—Vamos ficar novamente desamparadas!

O Frederico correu para ella, e lançando-se-lhe aos pés, exclamou arrebatadamente.

—Então julga me capaz de a abandonar?

—Mas, Frederico... repare que é agora rico, e que não vae decerto continuar a ser meu feitor. E' claro, pois, que nos vamos separar, talvez para sempre...

O Frederico, durante estas palavras que a Virginia dizia com a voz estrangulada, tinha-se-lhe apoderado das mãos, que apertava entre as suas, cravando os seus olhos claros e limpados nos da formosa rapariga. E respondeu-lhe:

—E se eu lhe offerecer a minha mão de esposo e toda essa fortuna que de nada me serve sem a menina ao meu lado?

A Virginia fez-se muito corada e soltou um grito eloquente, cobrindo os olhos com as mãos.

E le, então, levantou-se, e n'um impeto estreitou a contra o seio, murmurando:

—Como sou feliz!

JOSÉ MARIA DA COSTA.

PERFIS

HELOISA

V

Porque será que a Heloisa
Anda triste e pensativa,
Como pobre sensitiva
Gelada por fria brisa?
Porque será que a Heloisa
Anda triste e pensativa?

Ninguém o sabe. O mysterio
Envolve aquella alma austera,
Como o silencio que impéra
A' noute, n'um cemiterio.
N'nguem o sabe. O mysterio
Envolve aquella alma austera,

E o morgado, a todo o instante,
Vae murmurando comsigo:
—Como vaes casar, amigo,
Tens que abandonar a amante!..
E o morgado, a todo o instante,
Vae murmurando comsigo...

LUIZ DA SILVA.

A MORTE DE JULIO CESAR

(REDIGIDA EM FÓRMA DE LOCAL)

Unica relação verdadeira e fidedigna d'entre todas as publicadas até agora, extrahida do jornal romano «Os factos diarios da tarde» na data d'aquella tremenda occorrença.

Não ha nada no mundo que dê ao reporter de um jornal tanta satisfação como apanhar os pormenores de um assassinio sangrento e mysterioso, e descrevel-o com todas as circumstancias aggravantes. Sente um vivo deleite n'esse trabalho de amor—pois para elle assim é—especialmente se sabe que todos os outros jornaes já estão na machina o que o seu ha de ser portanto o unico que dê a espantosa noticia. Muitas vezes tenho tido uma sensação de pesar por não ter sido reporter em Roma quando Cesar foi morto—reporter de um jornal da noite e unico em toda a cidade, sahindo pelo menos doze horas adiante dos vendedores do periodico da manhã, com a mais esplendida local que até hoje tem cabido em lote ao nosso officio. Outros acontecimentos tem havido tão com-



VISCONDE DA QUINTA DE S. THOMÉ

moventes como esse, mas nenhum possuiu tão particularmente todos os característicos da local favorita dos nossos tempos, exaltada em grandeza e sublimidade pela elevada posição, nomeada, e gerarchia social e politica dos actores que n'ella tomaram parte. Tenho-me visto muita vez, por pensamentos, barafustando em toda a velha Roma, obrigando os militares, os senadores e os cidadãos a descobrirem-se cada um por sua vez, e ao transferir todas as particularidades, d'elles para a minha carteira.

Ah! se eu tivesse vivido n'aquelles dias, teria escripto essa local apaixonadamente, temperando-a com seu bocado de moralidade n'uns pontos e enchendo-a de sangue n'outros; deixando escuro algum tremendo mysterio; derramando em toda ella louvores e compaixão para uns, informações falsas e injurias a outros (aos dos assignantes do jornal), golpes sangrentos, tons de admoestação sobre as tendencias da epocha, descripções estravagantes da excitação havida na casa do senado e na rua, e toda a especie de cousas.

Todavia, se me não foi permittido fazer a noticia do assassinio de Cesar pelo seu caminho regular, foi-me pelo menos proporcionada a rara satisfação de traduzir a seguinte e excellente narrativa d'elle, do original latino. *Os fastos diarios da tarde*, d'aquella data,—segunda edição:

*

«A nossa ordinariamente tranquilla cidade de Roma foi hontem posta n'um estado de tumulto e de excitação pela occorrença de um d'esses attentados sanguinarios, que revoltam o coração e enchem a alma de espanto, ao mesmo passo que inspiram a todos os homens pensadores funestos presagios sobre o futuro de uma cidade onde a vida humana se vende a preço tão vil, e onde as leis mais serias são tão abertamente affrontadas. Cumprimos o nosso penoso dever de jornalistas publicos, noticiando, como consequencia d'aquelle attentado, a morte de um dos nossos mais estimados cidadãos—um homem cujo nome é conhecido em todos os pontos por onde esta folha circula, e cuja reputação tivemos sempre o prazer e o privilegio de dilatar, como tivemos os de protegê-la contra a lingua da calumnia e da maledicencia, com os melhores esforços dos nossos limitados recursos. Referimo-nos ao sr. Julio Cesar, imperador eleito.

«As particularidades do acontecimento, tanto quanto o nosso reporter pode apural-as no meio das narrativas contradictorias de testemunhas oculares, são as seguintes:—O motivo principal foram as eleições, isso é de saber. Nove decimos das carnificinas medonhas, que deshonram a cidade hoje em dia, nascem das desintelligencias, das intrigas e das animosidades geradas por essas malditas eleições. Roma tinha muito a ganhar se as suas mais infimas auctoridades fossem eleitas para servirem por um seculo; porque na pratica nunca fomos capazes de escolher um enxotacões sem celebrarmos o acontecimento com meia duzia de disorders sérias, e sem se encherem as estações de guarda com bebados e vadios toda a noite. Conta-se que, quando no outro dia foi declarada no mercado a immensa maioria de listas a favor de Cesar, e a corôa foi offerecida a este cavalheiro, nem mesmo o seu admiravel desinteresse em recusar a por tres vezes foi sufficiente para o pôr a coberto dos baixos insultos de homens taes como Casca, do Decimo Bairro, e outros galopins do candidato vencido, principalmente dos do Decimo primeiro e Decimo terceiro districtos suburbanos, a muitos dos quaes houve quem os ouvisse falar com desdem e ironia da conducta do sr. Julio Cesar n'aquella occasião.

«Somos além d'isso informados de que muitos pensam que elles se justificam acreditando que o assassinio de Julio Cesar era uma cousa assente—uma combinação devidamente preparada, disposta em todas as suas partes por Marco Bruto e por uma porção dos seus assalariados, e apenas levada a cabo de modo excessivamente fiel ao programma. Se ha boas razões para esta suspeita ou não, deixamos essa averiguação ao bom criterio dos nossos leitores, recommendando-lhes apenas que devem lêr a seguinte descripção, cuidadosa e desapassionadamente, antes de formularem o seu juizo.

«O Senado estava já em sessão, e Cesar descia a calçada que conduz ao Capitolio, conversando com alguns amigos pessoas, e seguido, conforme o costume, por um grande numero de cidadãos. Justamente quando ia passando em frente da drogaria de Demosthenes e Thucydides, observava casualmente a um cavalheiro, o qual, segundo assevera o nosso informador, era um adivinho, que tinham começado os Idos de Março. O cavalheiro respondeu-lhe: «E' verdade, já começaram, mas não acabaram ainda.»—N esse momento Artemidoro aproximou-se, fez-lhe a saudação propria da hora que era, e pediu a Cesar que lêsse um rôlo ou um discurso ou qualquer cousa d'este genero, que trazia para submeter à sua attenção. O sr. Decio Bruto tambem disse algumas palavras a respeito de uma «humilde petição» que des-java que fosse lida. Artemidoro pediu que lhe fosse dada attenção em primeiro logar, por ser questão de interesse pessoal para Cesar. Este observou-lhe que, visto isso, tratando-se de negocio que a si proprio respeitava, o ouviria em ultimo logar, ou dirigiu-lhe outras palavras que significavam o mesmo. Artemidoro pediu-lhe e

supplicou-lhe que lêsse o pergaminho no mesmo intante (*). Todavia, Cesar repeliu-o, e recusou-se a lêr fosse o que fosse na rua. Entrou então no Capitolio, e a multidão seguiu-o.

«Por essa occasião foi surprehendida a seguinte conversa, parece-nos que, pondo-a em connexão com os factos que succederam, se lhe encontra uma significação medonha. O sr. Papilio Lena observou a Jorge W. Cassio (espadachim assoldado pela opposição) que esperava que a sua empreza fosse n'aquelle dia bem succedida; e quando Cassio perguntou: «Que empreza?» o outro limitou-se a fechar o olho esquerdo por um momento, e disse com simulada indifferença. «Passe muito bem,» e foi-se encaaminhando vagarosamente para Cesar. Marco Bruto, que é suspeito de ter sido o cabeça do bando que matou Cesar, perguntou o que é que Lena tinha dito. Cassio disse-lh'o, e acrescentou em voz baixa: «Tenho receio que o nosso plano esteja descoberto.»

«Bruto recommendou ao seu asqueroso cumplice que não perdesse Lena de vista, e um momento depois Cassio incitou o miseravel e famelico vadio, Casca, cuja reputação aqui não é das melhores, a andar depressa, porque temia alguma prevenção. Dirigiu-se em seguida a Bruto, aparentemente muito excitado, perguntou-lhe o que se havia de fazer, e jurou que ou elle ou Cesar não sairiam mais d'ali—que primeiro se mataria a si mesmo. A este tempo Cesar estava conversando com alguns membros provincianos do senado a respeito das proximas eleições geraes, e não prestava attenção ao que se passava em redor d'elle. Guilherme Trebonio entrou em conversação com o amigo do povo e de Cesar—Marco Antonio—e sob qualquer pretexto afastou-se com elle; e Bruto, Decio, Casca, Cinna, Mettello Cimber, e outros da quadrilha de infames energumenos que infestam Roma presentemente, fizeram circulo em torno de Cesar—por elles já condemnado. Então Metello Cimber ajoelhou em terra e implorou que seu irmão fosse revocado do exilio, mas Cesar increpou-o pelo seu proceder baixo e vil, e recusou-se a attender-lhe o pedido. Immediatamente á supplica de Cimber, primeiro Bruto e depois Cassio rogaram-lhe que mandasse regressar o exilado Publio; mas Cesar recusou tambem.

Disse que ninguem o podia mover; que era tão fixo como a Estrella do Norte, e poz-se a fallar nos termos mais entusiastas da firmeza d'aquella estrella e da constancia do seu caracter. Affirmou que era como ella, mostrando estar convencido de ser em todo o paiz o unico homem d'esse feitio; portanto, se tinha sido constante em entender que Cimber devia ter sido exilado, era tambem constante em entender que devia permanecer no exilio, e antes quizera ser morto do que deixar de o conservar assim!

«No mesmo instante, lançando mão d'este pequeno pretexto para o ataque, Casca arremessou-se sobre Cesar e feriu-o com um punhal. Cesar agarrou-o pelo braço com a mão direita e atirando-lhe immediatamente um murro desde o hombro com a esquerda, estendeu o reptil banhado em sangue no chão. Recuou em seguida até junto da estatua de Pompeu, e quadrou se para receber os assaltantes. Cassio, Cimber e Cinna precipitaram-se sobre elle com os punhaes n'ús, conseguindo o primeiro vibrar-lhe um golpe; mas antes d'elle o poder ferir de novo, e antes de qualquer dos outros lhe dar o primeiro golpe, Cesar estendeu os tres miseraveis a seus pés com outros tantos soccos do seu poderoso pulso.

A este tempo o Senado estava n'um tumulto indiscriptivel; os cidadãos, em avultado numero, que se encontravam nos corredores, tinham bloqueado as portas nos seus irreflectidos esforços para sahirem do edificio; o sargento da guarda com os soldados que o acompanhavam estavam em lucta com os assassinos; veneraveis senadores tinham posto para o lado as suas embaraçosas togas, e saltavam por cima dos bancos, fugindo por debaixo das naves em desordenada confusão e procurando abrigar-se nas salas das commissões; mil vozes bradavam: «Guarda! Guarda!» em tons discordantes, que se ouviam acima do pavoroso alarido como os ventos sibilantes se ouvem acima dos rugidos da tempestade. E no meio de tudo, o grande Cesar permanecia firme com as costas voltadas para a estatua, como um leão atacado, e batia se com os seus assaltantes, sem armas e braço a braço, com o porte arrogante e a firme coragem que muitas vezes antes mostrara em mais de um campo de sangue.

Guilherme Trebonio e Caio Legaro feriram-o com os seus punhaes e cahiram, como antes d'elles os outros conjurados tinham cahido já. Mas, por fim, quando Cesar viu o seu velho amigo Bruto avançar para elle, armado com o punhal assassino, disse que se mostrou totalmente abatido pela magua e pelo assombro, e deixando pender ao lado o seu invencivel braço esquerdo, escondeu o rosto nas dobras do manto, e recebeu o golpe desleal sem o minimo esforço para suspender a mão que lh'o vibrou. Apenas disse: «*Et tu Brutus?*» e cahiu sem vida no marmore do pavimento.

«Segundo nos informaram, a tunica que o assassinado trazia

(*) Note-se isto: é affiançado por Guilhermo Shakspeare, o qual viu o começo e o fim da desgraçada questão, que este rôlo era simplesmente uma nota revelando a Cesar que estava formada uma conjuração para lhe arrancar a vida.

O MEU PRIMEIRO PENSAMENTO
(MAZURKA)

vestida quando o mataram, era a mesma que tinha vestido na sua tenda, na tarde do dia em que venceu Nervios; e quando a despiram ao cadaver, estava cortada e golpeada em não menos do que sete pontos differentes. Não tinha nada nos bolsos. Ia levantar-se o corpo de delicto, ficando depois o cadaver exposto, e instaurando-se o devido summario contra os assassinos. Estes ultimos factos merecem todo o credito, porque nos fôram relatados por Marco Antonio, cuja posição o habilita a conhecer todos os promenores que se relacionam com o assumpto palpitante do dia.

«A' ultima hora:—Enquanto o juiz fazia a convocação do jury, Marco Antonio e mais alguns amigos do fallecido Cesar pegaram no corpo e transportaram-o para o Forum, estando á hora em que escrevemos, Antonio e Bruto pronunciando discursos em frente d'elle e excitando tal indignação no povo, que o chefe da policia teme que se levante algum grande tumulto, e procede a tomar medidas preventivas n'essa conformidade.»

MARCK TWAIN.

D. BEATRIZ DE PORTUGAL

III

(Continuado do numero antecedente)

Vamos porem á historia do casamento da infanta D. Beatriz de Portugal com Carlos III, duque de Saboya.

São conhecidos os pormenores da viagem da infanta pelo opusculo de Garcia de Rezende, que anda nas suas obras, intitulado *Hida da infanta D. Beatriz pera Saboya*; e pelo capitulo LXX, quarta parte, da *Chronica de D. Manuel* por Damião de Goes.

Já tivemos tambem occasião de referir-nos ao auto de Gil Vicente que tem por assumpto a viagem de D. Beatriz.

No tomo II das *Provas da Historia Genealogica* encontra-se a pag. 439 o *Contrato do casamento* e a pag. 445 a longa enumeração dos objectos que constituíam o opulento enxoval da infanta.

Até aqui o que conhecemos dos livros portuguezes.

Agora passemos a socorrer nos da *memoria* do barão Gaudenzio Claretta, a fim de a divulgarmos em Portugal, por ser realmente muito pouco conhecida entre nós.

O casamento realisou se no 1.º de outubro de 1521, na igreja dos dominicanos de Nizza, lançando a benção nupcial o bispo de Vercelli, Bonifacio Ferrero, que mais tarde se tornou conhecido pelo nome de cardeal de Ivrea.

Realisaram se pomposos festejos publicos, primando entre elles, pelo seu luzimento, o torneio celebrado junto á porta Marina, no qual cavalleiros hespanhoes, portuguezes e italianos quebraram lanças em honra dos augustos esposos.

O codice citado por Herculano conta que a infanta, tendo chegado a Villa Franca pela uma hora da tarde do dia de S. Miguel (29 de setembro) não queria sahir da nau, o que fizera a instancias do duque de Saboya.

D'ahi inferiu Herculano que a «má vontade com que ella desembarcou mostra que este casamento não lhe era demasiadamente grato».

Vejamos porém o que diz o texto da *memoria* de Claretta:

«Seguendo ora il racconto del Revelli, narra questo storico che il giorno 29 verso le tre ore di notte sbarcò la principessa a Villa Franca, dove di comandamento del Duca eransi portati per riceverla e complimentarla Lodovico dei Malingri, Giovanni d'Orlié, il vescovo Geronimo d'Arsagis, Onorato Cays ed i consoli seguiti dai primi gentiluomini del paese. L'ora era già avanzata, ma pur volle l'infante Beatrice la sera medesima recarsi a Nizza traversando il colle di Montalban al chiaror di molte faci, ed assisa su di una sedia soppannata di velluto e d'armellino, sostenuta da quattro gentiluomini portoghesi. Giunta la comitiva ai molini di Riquieri le acclamazioni più vive de gli astanti annunziarono l'incontro del Duca il quale era giunto quella sera all'abbazia di San Ponzio e non aveva voluto far l'ingresso nella città prima che fosse arrivata la sposa».

Vão griphadas as expressões que contrariam a versão do codice publicado por Herculano.

Como vimos, Claretta apoia-se na narração de Revelli, e não podemos suppôr que Claretta occultasse a verdade, por isso que elle a patenteia com inteira franqueza em varios lances da sua *memoria*, especialmente, como veremos, quando se refere á decadencia da corte de Carlos III.

O condado de Nizza offereceu á duqueza, como brinde de casamento, a somma de cinco mil florins.

Pier Leone di Cavagliá, conego de Santa Maria della Scala de Millão, recitou uma oração e um epithalamio, de que existe um exemplar na bibliotheca real, sendo o opusculo que contém

as duas peças litterarias muito raro na Italia. *Oggi di assai raro*, diz em parenthesis Claretta.

A oração é em latim. Claretta dá alguns extractos, e commenta-os. Por exemplo:

«... habes uxorem pulcherimam (*ei gli dice*) venustissimam—que ut cernere est virtus lacte et cura ut scimus nutritam (*questo era veio*) *sæundam ut optamus.*»

Claretta publica na integra o epithalamio, tambem latino, que foi recitado pela menina Veronica Leone, de quatro annos de idade apenas—*giovinetta di quattro anni*.

N'esse epithalamio é grandemente exaltada a belleza e castidade da infanta D. Beatriz.

Claretta ainda cita outras congratulações poeticas que por essa occasião foram publicadas.

A tres de outubro fizeram os duques de Saboya a sua entrada solemne na cidade de Nizza pela porta *Pairoliera*.

Segundo Revelli, cerca de tres mil portuguezes, ricamente vestidos, tomaram parte no cortejo. Mas outros muitos, não menos ricamente vestidos, assistiram como espectadores ao desfilar do prestito.

Agora vem algumas linhas de Claretta que reproduzimos no texto para que n'ellas sobresaia a impressão profunda, conservada pela tradição, que causara em Nizza o apparato que os portuguezes exhibiram n'esse acto:

«Scggiunge il citato storico (Revelli) che i Portoghesi sommarono a ben cinque mila, e che fu cosa ammirabile il vedere tanti ornamenti d'oro, gemme, selle de cavalli com briglie, staffe, speroni e cose simili tutte formate di lame e piastre di puro oro, ucelli ed animali peregrini, quantità incredibile de aromi di specie diversa, in una parola, tutto che di prezioso dall' Africa e dalle Indie, con l'occasione dell' navigazioni alle piú remote parti, era stato apportato al re di Portogallo.»

Ahi fica mais essa recordação do nosso passado esplendor n'um tempo em que a riqueza dos cavalleiros igualava a dos arceiros dos cavallos, tudo constellado do ouro e pedrarias, que o descobrimento da India nos permittia exhibir por entre nuvens de exquisitos perfumes orientaes.

Segundo Claretta, foi no dia 8 de outubro que os noivos partiram de Nizza para o Piemonte.

Esta indicação confere com a do codice publicado no *Panorama*.

E' porém durante a jornada que o auctor do codice se refere a violencias praticadas contra os portuguezes que acompanharam a infanta.

Claretta cita os nomes dos personagens italianos que fizeram sequito aos noivos até Vigone, um dos quaes personagens era o governador de Nizza, com o seu logar-tenente. Parece natural que aquelle funcionario e alguns mais retrocedessem depois de haverem acompanhado os duques por algum tempo. Acrescenta Claretta que em Vigone se despediu o cortejo, ficando ahi os noivos, podendo suppôr-se que no goso da sua lua de mel, livres finalmente das impertinencias officiaes, que durante oito dias os tinham rodeado.

A 10 de fevereiro de 1522 expedia Carlos III patente de assentamento, a favor de D. Beatriz, da quantia de nove mil e setecentos florins, com hypotheca sobre diversos rendimentos publicos, e a 22 de abril passava quitação ao rei de Portugal da somma de cento e cincoenta mil ducados, com que a infanta fôra dotada por seu pai.

Os duques demoraram-se em Vigone até ao mez de março, recebendo ahi D. Beatriz, por parte do estado do Piemonte, um donativo de cincoenta mil florins, e o duque outro de duzentos mil.

Claretta diz que a entrada dos noivos em Turim fôra saudada pela população, mas que as festas publicas bem de pressa tiveram de ser ensombradas pela noticia da morte do rei de Portugal, occorrida no mez de dezembro, e pela peste que os portuguezes haviam deixado em Nizza, cujos habitantes flagellára por longo tempo.

A scena da ponte, descripta no codice do *Panorama*, quando uns cem albardeiros pozeram as alabardas aos peitos dos portuguezes, que queriam acompanhar a infanta, teria uma explicação inverosimil pela versão de Herculano, visto como o duque não havia ainda regulado a situação financeira de um casamento que tarde lhe convinha e porque tanto instára.

Sendo tamanha, como refere Claretta, a multidão de portuguezes que assistiram á recepção da infanta D. Beatriz, explica-se facilmente o acto de violencia praticado pelos albardeiros como medida prophylatica adoptada pelo duque contra a invasão de uma epidemia que desde desde longos annos não tinha deixado de fazer grande numero de victimas em Portugal. Pode mesmo ter acontecido que um ou outro caso de peste se houvesse manifestado entre os cinco mil portuguezes que por occasião das festas do casamento se encontravam em Nizza, incluindo os marinheiros dos dezoito navios que constituíam a frota portugueza. E' porém natural que os portuguezes se offendessem com essa precaução,

e desfigurassem as intenções de Carlos III tomando-as á conta de descortezes para com a infanta, e de hostis para com elles.

As condições hygienicas de Portugal eram realmente deploraveis então. A peste tinha devastado o reino annos antes e, referindo-se á morte de D. Manoel, diz Garcia de Rezende na *Miscellanea*:

N'este anno se finou
o gran rei D. Manoel,
quantos comsigo levou
a morte triste, cruel?
que rei, que gente matou?
duzentos homens honrados,
em que iam muitos d'estados,
vivos que então se finaram
de modorra, e escaparam
muitos já quasi enterrados.

(Continúa).

ALBERTO PIMENTEL.

AS NOSSAS GRAVURAS

CYRIACO DE CARDOSO

Publicando o retrato de Cyriaco de Cardoso, prestamos uma sincera homenagem ao talento do distincto maestro portuense, que tanto tem contribuido para elevar a arte musical á altura que ella entre nós deve ter.

Quando no nosso pequeno mundo musical apparece um vulto notavel, um homem de reconhecido merito que, com a sua alta capacidade de artista, consegue, pela intelligencia, pelo trabalho serio, pelo estudo aturado, que as grandes sumidades artisticas do estrangeiro conheçam o seu nome, torna se isto não só uma gloria para elle como tambem para o paiz que lhe foi berço.

Tal é Cyriaco de Cardoso.

Dotado d'uma soberba organisação artistica, conhecedor profundo dos processos das differentes escolas musicas, tem sabido pôr o seu robusto talento ao serviço da musica, a sua paixão favorita, que elle estudou até se apossar dos seus mais reconditos segredos.

Observador intelligente das produções dos mestres da arte, critico fino, Cyriaco de Cardoso, orientando se nos melhores methodos artisticos, tem sentido repetidas vezes palpitar a sua alma de artista de raça perante as phreneticas ovações dos publicos, que sempre o applaudiram e admiraram, quer como violinista, quer na qualidade de director de orchestra.

Compositor notavel, Cyriaco de Cardoso tem por isso conseguido o que é raro em Portugal, principalmente para um artista de talento, ter nome e ser, com justiça, reconhecido por todos não só como um maestro de primeira plana, mas como um vulto proeminente que se destaca da pequena galeria dos que lutam pela restauração da arte musical.

As suas differentes composições tem sido sempre applaudidas tanto em Portugal como no estrangeiro, onde este artista é tido em subido apreço.

Ainda ha pouco tempo, quando no theatro Baquet, do Porto, se realisou um beneficio a favor do cofre de soccorros para os typographos, Cyriaco de Cardoso promptificou-se a tomar parte no concerto, executando, com os distinctos professores Nicolau Ribas, Marques Pinto e Moreira de Sá, uma «serenata» de sua composição. Esse trecho é uma das paginas mais brilhantes do album de composições d'este maestro, e faria por si só a reputação d'um artista.

Cyriaco de Cardoso esteve no Rio de Janeiro, funcionava então n'aquella epocha, no theatro de D. Pedro II, uma companhia lyrica, de que fazia parte a nossa conhecida cantora Biancolini. A empresa não prosperava, o publico estava descontente a ponto do theatro ter de fechar, quando o empresario convidou Cyriaco de Cardoso para dirigir a orchestra e côros. Desde então, o theatro levantou-se e as operas foram cantadas com geral agrado do publico.

Isto que affirmamos, é, sem duvida, um facto brilhante da vida artistica de Cyriaco Cardoso, que, com a sua fina intelligencia e dedicação, arrostou com a guerra tremenda que ao começo teve, quando se encarregou da direcção musical do theatro de D. Pedro II.

Passados tempos, Cyriaco regressou ao Porto, onde é hoje empresario do theatro Baquet, que dirige com um gosto extraordinario. Afastando-se do velho repertorio de operetta, Cyriaco procura introduzir um novo genero, e para isso poz já em scena os *Dracões de Villars*, e vae fazer entrar em ensaios as operas comicas *Carmen* e *Mignon*.

VISCONDE DA QUINTA DE S. THOMÉ

Publicamos hoje o retrato d'este illustre titular, fallecido ha poucos dias.

O visconde da Quinta de S. Thomé, Fortunato da Costa Cabral de Vasconcellos Coutinho, bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra, associado provincial da Academia Real das Sciencias de Lisboa, do conselho de Sua Magestade Fidelissima, moço fidalgo com exercicio no Paço, commendador da Real Ordem militar de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, foi um perfeito cavalheiro, um verdadeiro fidalgo, distincto, correcto, affavel e lhano, de primorosa e esmerada educação, espirito lucido e perspicaz, e de notavel senso pratico.

Tendo concluido a sua formatura na faculdade de direito em 3 de julho de 1843, antes de completar 22 annos d'idade, foi residir na sua magnifica propriedade de S. Thomé.

A natural independencia do seu caracter energico, rasgado e franco, por um lado, e por outro as necessidades d'administração da sua importantissima casa, fizeram-lhe pôr de parte, apesar do seu talento e illustração, a brilhante carreira de seu pae, o dr. Jacintho da Costa Cabral de Vasconcellos Coutinho, que morreu desembargador e cumulado de honrarias e distincções.

O visconde da Quinta de S. Thomé, nascera em 16 de outubro de 1821, não conhecendo por tanto o velho regimen já agonisante, apesar do malogro da revolução do anno anterior. A sua infancia foi emballada ao som dos canticos patrioticos da revolução liberal.

Não podia elle pois ser indifferente ás ideias tão sympathicas, que predominaram no seu tempo, ideias purissimas de justiça social e d'emancipação politica, e assim o vemos abraçar com enthusiasmo o movimento popular de 1846.

Entrou n'essa epocha activamente na politica, collaborando, na qualidade de administrador do concelho de Soure, com o duque de Loulé, então governador civil de Coimbra, para o restabelecimento da ordem social, sujeita n'esse tempo a frequentes perturbações de toda a especie.

Em 1851 abraçou a regeneração, tomando a direcção d'esse partido, no concelho de Soure, a aprasimento d'amigos e adversarios.

Desde 1846 até ao presente, o visconde de S. Thomé prestou relevantes serviços ao concelho de Soure como administrador do concelho, procurador á Junta Geral do Districto, Presidente da Camara municipal, Juiz de Direito substituto, e sómente se recusou a ser eleito deputado, porque isso contrariava os seus habitos de vida.

Era o illustre fidalgo vantajosamente conhecido no paiz, tendo privado com os vultos mais eminentes da politica, com quem mantinha estreitas e cordialissimas relações.

O MEU PRIMEIRO PENSAMENTO

(MAZURKA)

A musica que hoje occupa o lugar destinado á gravura do brinde, é composição d'um artista de subido merecimento. Não exitamos, portanto, em offerecel-a áquellas das nossas leitoras que preferem um bom trecho musical a uma estampa mais ou menos bem gravada.

MODAS

(TOILETTES PARA SOIRÉE)

1.^a—Corpete de velludo rubi abotoando ao lado em *plastron*, com grande bico, terminando com laçadas de cordão. *Fichu* de renda branca emoldurando o alto do corpete. Manga só até ao cotovelo, enfeitada com a mesma renda.

A parte inferior da saia, de velludo, formando *puff* atraz e guarnecida aos lados com renda. Esta saia abre sobre outra de renda, coberta com um panno de surah, formando na extremidade duas pontas.

Faz-se esta *toilette* com 10 metros de velludo, 5 de renda larga e 4 de surah.

2.^a—*Toilette* em *peau de soie* e *linon* de seda em riscas. Corpete de *peau de soie* enfeitado com *pattes* bordadas a prata, abrindo sobre uma camisinha franzida em baixo e pagueada em cima. Mangas de *linon*, guarnecidas com dois folhos. Saia de *peau de soie*, bordada em baixo, coberta com uma longa *draperie* de *linon*, formando avental na frente e armando atraz em *puff*.

São precisos para este vestido 15 metros de *peau de soie* e 8 de *linon*.

OS FUNERAES DE PHILOPEMEN

O famoso general Philopemen, *ultimo dos gregos*, nasceu no anno 253 antes de J. Christo, em Mégalopolis. Expulso da sua patria por Cleomeno, rei de Sparta, combateu este, á frente dos seus



MODAS

(TOILETTES PARA SOI'ÉE)

concidadãos, em Sellacia, onde decidiu da victoria de Antígona, por meio d'uma manobra audaciosa.

Nomeado estrategico, melhorou consideravelmente o armamento, os exercicios e a disciplina dos soldados da Grecia.

Depois da morte de Machanidas, tyranno de Sparta, chegou a fazer entrar esta cidade na liga achaica e puniu cruelmente uma sublevação do partido democratico.

Sentindo aproximar-se a dominação de Roma, tornou se suspeito ao senado, que encarregou Flaminio de lhe crear inimigos.

Philopemen era estrategico pela oitava vez, quando Messena o derrotou n'um recontro e o condemnou a beber a cicuta.

Assim morreu o *ultimo dos gregos*.

A nossa gravura representa os funeraes do famoso general.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Charada

Vamos, bravo charadista,
De corajoso mantenha
O seu brio,
Como qualquer nihilista,
A' fria Siberia venha
Ver um rio.—1

Dou-lhe p'ra a sua bagagem,
Eu, que sou seu amiguinho,
P'ra consolo,
De tão penosa viagem,
Como farnel p'ra o caminho,
Sacro bolo.—1

Vamos, na maleta pegue,
De sua familia, agora,
Se despeça;
Quando a esta cidade chegue,
Mande novas, sem demora,
Não se esqueça!

Enigma

(RETRIBUIÇÃO A' FINEZA DE J. L. PERPETUA)

Sou muito preto, é bem de ver,
Tambem branco posso ser,
Ter mesmo a alvura do arminho;
Porém... sou mais procurado
E muito mais bem tratado,
Quando sou muito pretinho...

Muitos riem-se de mim,
E troça me faz sem tino
A alegre rapaziada;
Porque eu, com um ar funéreo,
Ando sempre muito serio,
E só me dou com a velhada.

Eu,— Não de caso pensadol—
Mui *ginja* tenho achatado
Quando anda furioso o vento;
Porém, a muita *carcassa*
Já tenho,—troça não faça!—
Arranjado casamelto.

MATHEUS JUNIOR.

Logogrifho

(POR LETRAS)

O seu sangue souberam *derramar*—1, 4, 5, 3, 2, 5
Mas seus nomes serão *immorredouros*!—4, 3, 2, 5, 7, 8, 9
No planeta ninguem pode olvidar—3, 2, 5, 5, 6
Quem seu nome legou aos seus vindouros.

Eram hontem altivos, vigorosos,
Não tremiam diante do inimigo;
E seus irmãos morriam orgulhosos,
Tendo apenas a patria por jazigo.

Mas hoje?!... Hoje estão fracos, abatidos,
Memorias venerandas do passado!
Sem familia, sem pão e sem amigos,
E são heroes!... Oh! Grupo abençoado!

Gaya.

MARGARIDA NORTON.

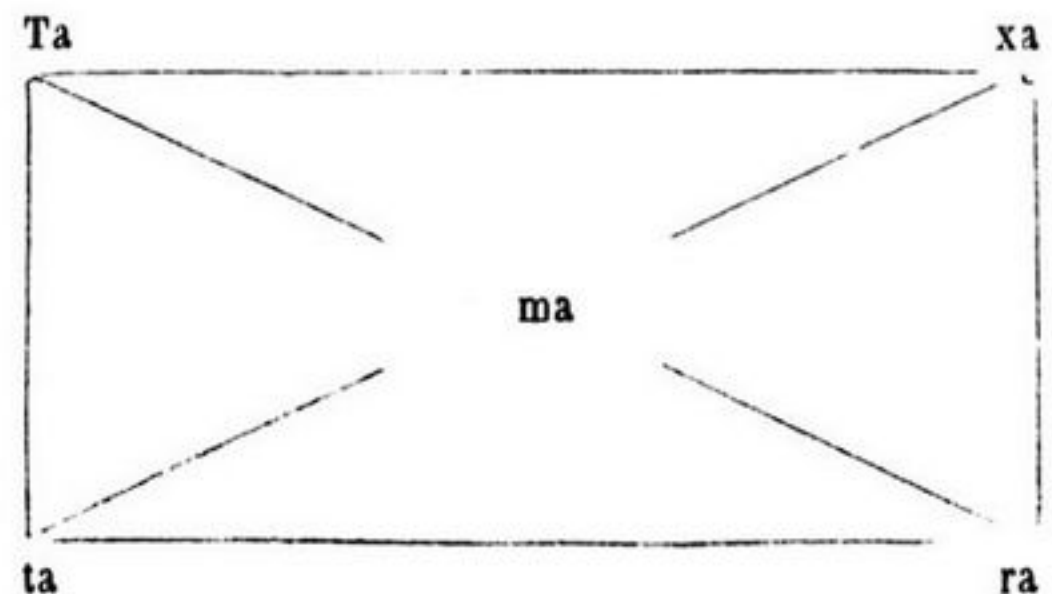
Problema

Certo individuo mandou o creado á praça da Figueira, afim de vender uma grosa de limões. O creado voltou e entregou ao patrão a quantia de 1:200 réis.—Está bem, disse-lhe este, foram vendidos a 100 réis a duzia.—Não senhor, volven o creado, primeiramente vendi a 110 a duzia, depois a 90 e por ultimo a 80 réis. Como foi esta venda feita?

G. CAETANO.

Decifrações

DA CHARADA CONIMBRICENSE:—



DAS CHARADAS TRANSPOSTAS:—

Reata—tarea.
Canhota—tacaño.
Magoa—amago.
Rabeca—carabe.
Norte—tenor.
Rasa—Sara.

DO SALTO DE CAVALLO:—

A terceira e a primeira
A's vezes indicam mal,
Ou doença, ou folhas verdes,
Ou então certo signal.

Juntando a primeira á quarta,
Temos ataque forçado;
Porém, além do ataque
E' vegetal estimado.

Terceira e quarta vestido
Com que ás vezes certa gente
Em precarias circumstancias
Traz em si continuamente.

Segunda e depois a prima
Indicam sem hesitar
Aos leitores curiosos
Um bem distincto lugar.

Em conclusão, caçadores.
Esta quarta repetida
Geographica será
Por alguém já percorrida.

Juntas as syllabas taes
Darão trinta e nada mais.
(Macicote)

A RIR

A' sabida d'um tribunal:

—Ahi teem a rectidão da justiça. Condemnam um homem, que fez duas mortes, a tres annos de degredo apenas!

—E eu acho que a justiça procedeu muito bem.

—Como assim?!

—De certo. U na das pessoas mortas pelo condemnado, foi sua sogra. Isso é já uma circumstancia attenuante.

*
*
*

F... é agraciado com o habito de Christo, e agradece nos seguintes termos ao ministro que o agraciou:

«Agora, que já tenho a cruz, creia v. ex.» que heide fazer tudo para a merecer.»

UM CONSELHO POR SEMANA

PARA DAR ANIL NA ROUPA BRANCA

Ferve se durante uma hora 60 grammas de campeche moido em 1:000 grammas d'agua e junta-se lhe em seguida 60 grammas d'anil solúvel em pó fino; ferve-se ainda alguns minutos, filtra-se e junta-se a quantidade de agua de que resulte a côr desejada.

UMA RELIQUIA

(De Catulle Mendés)

Teve a palavra o Valentim.

—Veem este cofresinho de sandalo? nos disse elle. Não de confessar que é precioso, muito pretinho, muito polido, com a sua fechadura lavrada e rendilhada como um colchete dos antigos gibões

Mais comprido que largo, dir se-hia um breve e delicado esquisito feito expressamente,—mas ellas não morrem, as fadas!— para a rainha Mab ou para Titania. Pois não ha duvida que é um esquisito, um sarcophago. Porque tudo que resta da minha mocidade e dos meus mais queridos amores, repousa n'este pequeno cofre sepulchral forrado e acolchoado de setim côr de rosa. O' precioso, ó inestimavel thesourol! Quando te contemplo, apesar de alquebrado, esmagado e vencido, sinto-me reviver.

O que são as riquezas e as glorias? Não ha bem terrestre, ou divino pelo qual eu trocasse esta preciosa reliquia.

Nós perguntámos:

—Contém alguma trança loira em que se eternisa o perfume dos cabellos amados?

—Alguna flôr silvestre, colhida na manhã do teu primeiro abril?

—Alguna fita azul ou côr de rosa, roubada, n'uma noite de baile, no delirio vertiginoso da walsa?

Mas Valentim fez um gesto negativo.

—O talisman que me preserva do insupportavel tedio e dos irremediaveis desalentos, o talisman que eu prefiro a todas as opulencias conquistadas, a todas as ambições realisadas, que eu não daria sequer pelo extase de tornar a ver Madgalena sorrirme, é a primeira carta de amor por ella escripta ao homem por quem me trahiu.

«A hora das serenias confidencias vinha encontrar-nos muito chegadinhos um ao outro, junto da pequena mesa onde o vinho côr de oiro se inflammava na transparencia dos cristaes, defronte do fogo a crepitar e a espargir os seus clarões no cobre dos rescaldos. Oh! ella não dizia coisas muito subtis, nem era uma creatura de grande saber. Não se parecia em nada com essas graves preciosas que, volvidos os extases do amor, e julgando cumprido o seu dever, apenas nos fallam do romance da moda ou da ultima peça que subiu á scena, com os labios ainda humidos do ultimo beijo. Terna ainda nos momentos em que outras deixam de o ser, só á ternura rendia preito, e, enlançando-me o pescoço, murmurava-me ao ouvido umas phrases adoraveis, com breves risos de quem relembra e com olhares de quem espera. Ou então, se acaso fatigada lhe succedia pensar um pouco além de nós, a diversão que dava ao seu espirito e ao meu, consistia

nos raros incidentes da sua vida de todos as dias, vida curta, miuda, burgueza: tinha sahido a pé porque fazia frio; tinha comprado luvas em tal loja; e luvas de seis botões a quatro francos, não havia nada mais barato,—e andava tanta gente na rua? Depois tinha encontrado Fulana, uma rapariga muito infeliz. A' volta para casa, havia a criada sahido, e não tinha dado ordem ao jantar; era mais que certo que a Clementina tinha namoro, e aquillo assim não podia continuar, era necessario despedil-a. Mas, á medida que contava estas coisas, tinha uma voz tão terna e tão ardente, punha, sem querer, na expressão dos pensamentos mais insipientes, uma inflexão tão capciosa ou tão apaixonada,—dizendo: «Estava um dia lindo» como quem diz: «Amo-te!»—que sem ouvir as palavras, adorava lhe o som, e, enlevado, enfeitado, acquiescendo com sorrisos e com desejos redivivos ao que ella me dizia, escutava-a em silencio até ao momento em que uma pallida claridade, entrando pelas frinchas da janella, nos advertia da hora em que as aves despertam dos seus ninhos e em que os namorados adormecem nos seus.

•Mas eu amava-a também por ella ter um coração firme e fiel.

•Era ponto assente entre mim e o destino que seria sempre d'ella, como ella seria sempre minha; e alojava-me no seu amor como n'uma vivenda que a gente mandou construir, e onde se dá por feliz em viver e morrer!

•Um dia, entrando sem ser esperado no *boudoir* de Magdalena, surprehendia-a a escrever uma carta a um rival preferido.

*
*
*

«Ah! eu adorava-a! Quando á noite subia a sua escada, parecia que o coração me saltava fora do peito. Quando chegava á porta, já com a mão no cordão da campainha, hesitava, como um homem que se acha no meio de trevas e que tem medo. A minha alegria em tornar a vel-a era tal, ainda depois de longos mezes de amor, que não ousava affrontal-a de subito, receioso de succumbir. Cobarde á força de desejos, desejava que Magdalena me apparecesse pouco a pouco: primeiro a mão, depois o braço, depois um hombro, depois os labios, depois os olhos, e, por ultimo, ineffavel delicia! o corpo inteiro. Pela mesma fórma porque um convalescente, ao despertar pela manhã na cama, com os olhos apenas entreabertos, receiando e desejando o sol, pede que lhe corram muito lentamente os cortinados da janella. Afinal puchava o cordão! E aquelle ligeiro ruido, com a sua subitaneidade de foguete, punha-me em sobresaltos o coração e o cerebro, como se todo o meu ser se rebatinhasse nas repercussões do som. Magdalena não tardava em apparecer, porque era ella quem vinha abrir-me e, tendo-se levantado á pressa e deitado pelos hombros n'uma ampla capa, mirava-me, com a cabeça levemente pendida, como uma ave, entre risonha e receiosa, recuando, fazendo se pequenina no tepido agasalho das pelles que a envolviam, com os modos de um pudor que tem frio. Eu, então, tomava-a brutalmente nos braços, e, derrubando os moveis da saleta e da sala, ás escuras, ia de nol a no tepido ninho illuminado, ajoelhava junto do idolo que se deixava já agora adorar, e enlaçando-a soffregamente, descobrindo as pelles que a cobriam, beijava-lhe, atravez a cambraia, a pelle, e atravez a pelle o coração!»

*
*
*

Um de nós exclamou:

—Mas para que guardaste tu essa carta que tanto te deve ter feito soffrer, visto que tanto a amavas! porque é que ainda conservas tão religiosamente a prova horrivel da perfidia, em vez de a arremessares ao vento, despedaçada como o teu coração?

—Porque é? respondeu Valentim, muito pallido e como que estrangulado pela angustia, porque é que a conservo tão preciosamente, porque é que não seria capaz de a trocar pelos thesouros mais raros, porque é, enfim, que tanto amo esta sinistra reliquia? E' porque ella só me faz viver. Oçam:

*
*
*

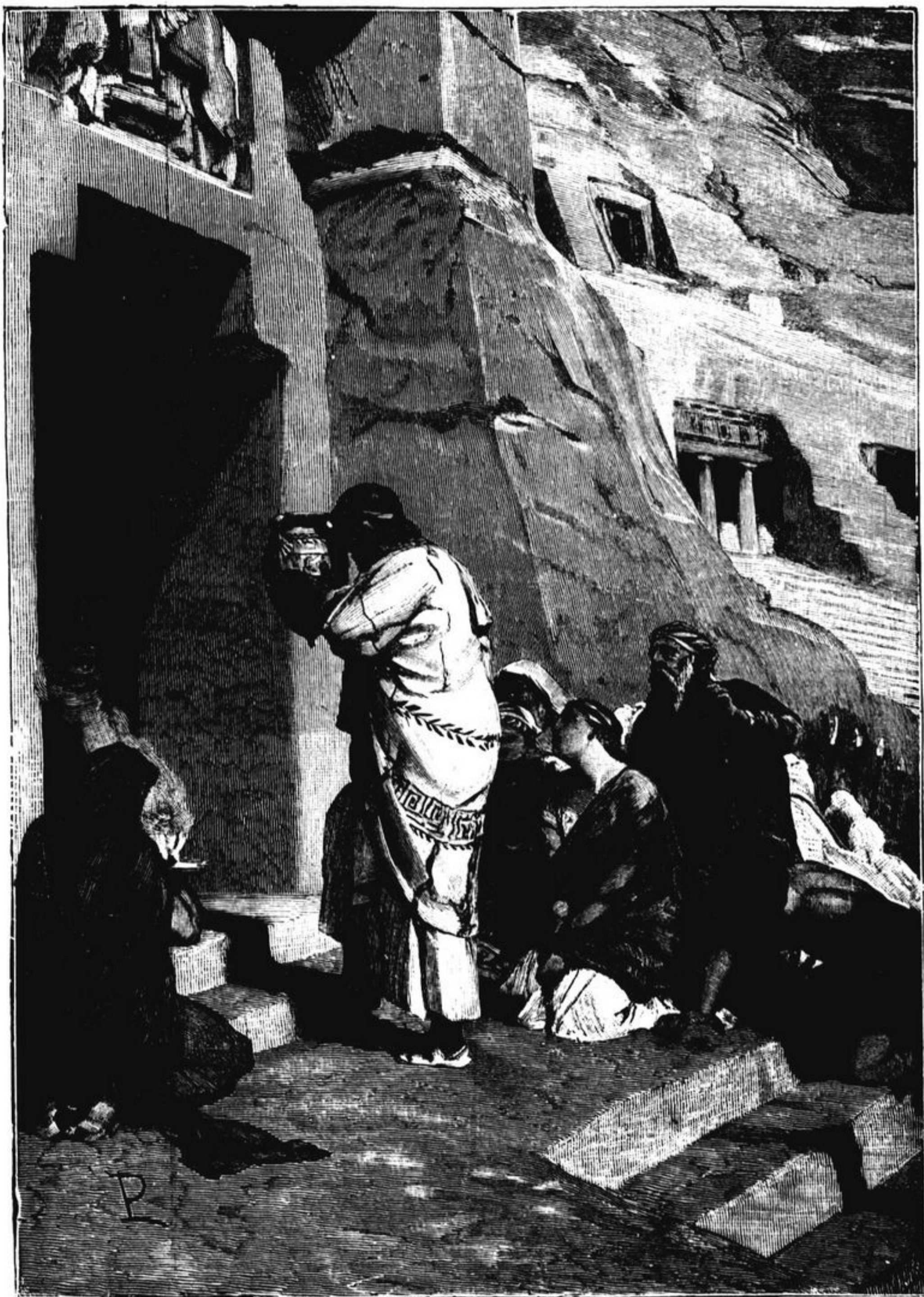
«Perdida Magdalena, tornei-me como que uma especie de cadaver que anda sem sentir a terra debaixo dos pés. Imaginem um homem que vé o mar tragar-lhe as riquezas adquiridas em muitos annos de labores e que fixa no abysmo o olhar turvo, e terão uma idéa approximada da minha situação. Havia sol no céu? Podiam perguntal-o a um cego, que importava o mesmo. Assemelhava-me a tudo que é desmoronamento, vacuo, trevas, desolação. Se me dissessem que havia outros homens no mundo que também amavam, que havia noivas, esposas, amantes, não acreditaria.

A vida era para mim como que uma estrada que não conduz a parte nenhuma. Ainda hoje—apesar de já serem volvidos tres annos, arrasto apoz mim, como desdenhados andrajos, como o vago despojo de um antigo goso, todas as esperanças, todos os desejos, todos os sonhos. Desde que deixei de crer em Magdalena, não

creio em nada; perdendo-a, perdi tudo; e nem já vivo, porque a minha alma, que era ella, fugiu. E se não fosse o habito de ser homem, se não desempenhasse machinalmente as funções de ser e de pensar, ver-me-hiam, ás esquinas das ruas, abandonado, deitado, inerte, como os cães quando dormem.

«No entanto, a vergonha d'esta apathia apodera-se de mim al-

—E depois, ajuntou Valentim, abaixando a voz, com um lugubre sorriso a encrespar-lhe os labios, nas almas extremamente subtis ha umas profundezas singulares. Escondido no quarto contiguo ao de Margarida, Mephistopheles tinha o quinhão no prazer do doutor Fausto. Quem sabe se me não é amarga consolação pensar que outrem encontrou a felicidade que eu perdi? Quem



OS FUNERAES DE PHILOPEMEN

(Specimen das gravuras da «Historia de Roma» por Victor Duruy)

gumas vezes, e então abro o cofresinho de sandalo, e releio a cartal
«De cada vez que o faço, todas as angustias e todas as co-
leras que adivinharam veem atormentar-me e remorder me o cora-
ção. O minuto fatal da perfidia descoberta resuscita. Agitam-me
o corpo e sacodem-me os nervos, desejos ferinos de ultrajar, de
matar, de morder. Então, existo emfim! graças ao terrivel e pre-
cioso talisman, pois que, morrendo annullado, tal como o que não
é, deixo-lhe o sentir reviver em mim as duas manifestações mais
furiosas da actividade humana, o desespero e o odio!»

sabe se no meu ciume não ha ainda uns laivos de embriaguez? O
horror de me ver desapossado traz-me à memoria as delicias da
posse, e quasi as compartilho cheio de angustia e de encanto.
Atravessam-me o espirito e a vontade não sei que vagos senti-
mentos, que compensam pelo que n'elles ha de clemencia, o que
contêm de satisfação perversa. Sim, não ha duvida que ella já
me não ama, mas o que é certo, mais que certo,—é que ama ainda!

CASTOR.